

# TOMÁS DE AQUINO E CHARLES DARWIN

Dieter Hattrup\*

(Tradução: Érico Hammes)

## Apresentação

Em comemoração aos 200 anos de nascimento de Ch. Darwin e aos 150 anos de publicação da sua obra maior, *A origem das espécies*, o Prof. Dr. Dieter Hattrup, disponibilizou um texto ficcional, ainda inédito, em forma de um diálogo de Ch. Darwin com Stephen J. Gould, Albert Einstein e Tomás de Aquino, com o título geral *Darwin als Kirchenvater I* (Darwin como Padre da Igreja I). Professor de Teologia Sistemática em Paderborn, na Alemanha e em Fribourg, na Suíça, Hattrup é graduado em Física, com doutorado em Matemática e Teologia, autor vários livros abordando a relação entre Cosmologia, Evolução, Filosofia e Teologia (*Darwins Zufall oder wie Gott die Welt erschuf*, *Einstein und der würfelnde Gott*; *Der Traum von der Weltformel*, dentre outros). A seguir, são apresentados os principais momentos da “visita” de Tomás de Aquino a Ch. Darwin, na eternidade, correspondentes às p. 112-165 do manuscrito original. Agradecemos ao Autor a gentileza de ceder os direitos autorais em língua portuguesa para tradução e edição na *Teocomunicação*.

As inserções, os títulos, bem como as omissões – por razões de espaço – são de responsabilidade do tradutor e estão assinaladas por [ ] acompanhadas da indicação das páginas correspondentes ao texto original disponibilizado, quando se trata de trechos maiores. Notas do tradutor são indicadas por [N.T.].

\* Físico. Doutor em Matemática e Teologia. Professor de Teologia Sistemática em Paderborn, Alemanha e em Fribourg, Suíça.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 39	n. 2	p. 147-171	maio/ago. 2009
-----------------------	--------------	-------	------	------------	----------------

## [SAUDAÇÃO E RECEPÇÃO – DE TEMPO E ETERNIDADE]

**Darwin:** Frei Tomás, salve! Tenho plena consciência da honra que me concede pela sua visita. O grande teólogo do mundo visitando o pequeno cavaleiro inglês! Bem que aqui na eternidade já nos podíamos ter encontrado antes, uma vez que o cansaço das longas viagens, necessárias na Terra, aqui não existe mais. No entanto, até agora ainda não tivemos ocasião de uma conversa.

**Tomás** – É verdade, nos faltava um motivo. Tempo de viagem não existe mais, embora não tenhamos tampouco uma eternidade sem forma e sem estrutura. Precisamos de motivos, do contrário também nós não entramos em ação, nem podemos levar uma conversa.

Mister Darwin, Salve! Também para o senhor, sinto-me honrado. Sou da opinião de que o grande mundo agora está do seu lado enquanto apenas a pequena província está comigo. Eu sou um teólogo, e estes no século XXI não contam mais tanto assim. O senhor é um cientista, e a ciência é considerada a iluminação da época; sua teoria da evolução, como o Sol de todos os sóis.

Sim, mas por que demora tanto uma viagem do tempo à eternidade? Creio ser a passagem pela história que custa tanto esforço às pessoas. Por isso, também nós nos vemos apenas hoje: faltava-nos um motivo, sem o qual nada funciona. Afinal de contas, somos seres humanos corporais e não espíritos.

**Darwin:** Lembro da conversa final, sobre a qual Sócrates se alegrou, depois de ser condenado pelo júri popular de Atenas a beber veneno para morrer. Mesmo se naquele momento em si não houvesse lugar para alegria. Qual, na sua opinião, teria sido o motivo?

**Tomás** – Se não me falha a memória, depois da taça de cicuta, ele queria, na eternidade, falar com Ajax, Orfeu, Musaios, Hesíodo, Homero e outros heróis da Antiguidade. Mas a respeito de quê?

**Darwin:** Bom, um momento... Ah sim, já sei de novo, o motivo está claro. Era a justiça, muito mais a falta de justiça entre os atenienses; a respeito de seu destino Sócrates queria falar e compará-la com a deles.

**Tomás** – Veja o senhor, por isso minha expressão preferida, como um dos meus alunos formulou – somos seres humanos e não somente almas – *homines sumus non solum animae*. Todas as coisas em nossa vida relacionam-se com a Terra, estamos vinculados à existência corporal, o que nos torna seres humanos, primeiro, no tempo, depois, na eternidade.

**Darwin:** Ainda na eternidade com um corpo?

**Tomás** – Naturalmente, como então? Nós, antes do juízo final, ainda estamos sem corpo, mas sempre olhamos de volta para a Terra. Até mesmo o destino desses gregos, falecidos há tanto tempo, é terreno. Por isso, Sócrates quer conversar com eles sobre a injustiça na terra. E por isso também o falecido Sócrates tem esperança de ter um corpo.

[...]

## 1 [DE TEÓLOGOS – DE TEMORES E DE EVOLUÇÃO NO SÉCULO XXI]

**Tomás** – Por uma razão muito mundana, converso, por isso, com o senhor, senhor Darwin. Existem muitas mentes medrosas entre os teólogos do século XXI que temem a teoria darwiniana da descendência, como o demônio a água benta. Exatamente o mesmo medo que existia na minha época em relação a Aristóteles.

**Darwin** – Eu entendo bem. Nós temos, então, igualmente um motivo bem terreno para nossa conversa celestial. Minha teoria da evolução desencadeia medo nos teólogos? Em alguns, ou até em muitos? Também eu tive medo, ao menos o medo de apresentá-la à minha mulher que sempre me advertia contra minhas ideias, perigosas para a fé. Assim mesmo, ao final, não pude fazer de outro modo: tive que forçar passagem com minha interpretação naturalista da natureza e permanecer honesto.

**Tomás** – Isso não ocorre muito, é raro, mas acontece. No caso do senhor, eu acredito: existe a consciência honesta, a consciência pura, a consciência que erra. Porque estamos vinculados à Terra, melhor, ao tempo, a aparência das coisas pode induzir-nos a um juízo falso a respeito de seu ser.

Mudanças na Teoria da Evolução?

**Darwin** – Veja o senhor, por isso também tenho um motivo terreno para conversarmos. Aconteceu algo. Deu-se uma mudança, uma virada com a qual ninguém contava, muito menos eu. Não, a minha teoria não precisa mudar, e sim sua interpretação, portanto a teoria da teoria. Hoje, isto é, no início do século XXI, ela se apresenta muito diferente do que no meu século XIX, apesar de ser 100% a mesma. Igual e totalmente diferente ao mesmo tempo. Estranho, não é? À diferença de Newton e sua teoria, minha concepção de evolução não precisou deslocar-se um milímetro sequer dos seus fundamentos. Apesar disso, deve ser

compreendida diferentemente do que eu a entendia, e essa mudança também para mim torna interessante o debate com os grandes teólogos. Honestamente, até agora não tinha sentido.

**Tomás** – Isso é notável e me interessa em sua teoria da transformação ou, como é designada hoje, sua teoria da evolução que é uma teoria para tudo e cada coisa; em todo caso, quer esclarecer tudo o que diz respeito à vida. Se realmente explica tudo, ainda precisamos averiguar. Sim, os seus mais ferrenhos seguidores, que se apresentam em seu nome, senhor Darwin, gostam da aplicação explicativa geral da sua teoria. “Nada na Biologia faz sentido, a não ser à luz da evolução”, como dizia Theodosius Dobzhansky<sup>1</sup>, que, no entanto, não era uma pessoa assim tão teimosa, nem foi um ideólogo naturalista que trocasse realidade com desejo, mas se mostrava sempre de trato fácil. Por que, então, o senhor quer transformar sua teoria da transformação? Pode-se ter uma teoria certa, sem compreendê-la corretamente?

**Darwin** – Sim, exatamente, isto é possível. A teoria da evolução está absolutamente certa há 150 anos; no entanto, compreendê-la de modo correto, até agora não foi possível a ninguém. Não conheço outro exemplo semelhante; só minha teoria da descendência e da transformação é desse tipo e, talvez, a teoria quântica do século XX, porque, a rigor, ambas são a mesma coisa. Até hoje permaneceu tudo certo o que eu tinha pensado no século XIX como mecanismo da evolução. Esse não foi o caso nas outras teorias. Apesar disso, eu entendo o sentido da transformação atual da teoria da transformação. Minha teoria se compõe de acaso e necessidade. É uma mistura explosiva, por eu não conhecer o significado do acaso. Naquele tempo eu considerava o acaso um não-saber provisório, o que estava errado e, no entanto, deixa a teoria intocada. Quem pode realmente explicar o acaso e sua interação com a necessidade?

## 2 [DE ARISTÓTELES A LAMARCK (1744-1829) E WALLACE (1823-1913)]

**Tomás** – O que o senhor quer dizer? O senhor tem um exemplo de uma teoria biológica falha da descendência.

**Darwin** – Quero citar duas. Naturalmente muitos, no século XIX e, de certo modo, também já no século XVIII, suspeitavam de algum tipo

<sup>1</sup> Referência à obra de Theodosius Dobzhansky *Nothing in Biology Makes Sense Except in the Light of Evolution*, 1973. Trata-se de uma obra que busca o diálogo entre evolução e criação. [N.T.]

de movimento entre as espécies, tanto em plantas como em animais. O mundo da vida não podia ter sido sempre como então parecia. Muitos ossos encontrados, a fauna e flora nas ilhas denunciavam lentas mudanças nas espécies. Era por demais visível. O olhar real para a natureza era bem diferente do que o imaginário que, por exemplo, Aristóteles tinha. Ele pretendia defender que o mundo fosse eterno e nessa realidade eterna existiriam os mesmos seres vivos numa imutabilidade eterna. Em sua *Origem dos animais*, ensinava um conjunto permanente de seres vivos, na medida em que, por sua procriação, chegam até à eternidade do movente não-movido, de eternidade em eternidade. Isso foi por dois mil anos o dogma científico: o mundo em eterno movimento e Deus em eterna imobilidade. O Deus de Aristóteles era pensado assim como se imagina a fórmula universal do século XX: Deus é imóvel, move tudo e não sabe de nada. Por isso tem ainda uma quarta propriedade em comum: o movente não-movido é tão pouco real quanto a fórmula universal. No entanto, isso apenas o século XX sabe.

**Tomás** – É, o meu grande Filósofo, é grande no pensamento e é grande no erro. Não existe um movimento eterno na natureza; esse provém da explosão inicial [*Big Bang*], como agora até a Cosmologia sabe. Eu tive que melhorar Aristóteles em passagens importantes. Por exemplo, nessa eternidade do mundo, que ensinava no seu escrito *De Coelo*. Um pequeno erro no início do mundo, ao final se torna um grande erro a respeito do todo do mundo. Ele não se deu conta de um ponto: a razão não pode saber nada a respeito do início do mundo, porque experiência só existe por meio da repetição. Eventos singulares não são da alçada da razão, não pertencem à ciência. Sabe, senhor, sob esse ponto de vista a Bíblia, com a narrativa da criação, já está a meio caminho da moderna teoria da evolução, pois conhece um certo movimento nas espécies. Ainda que esse movimento esteja na vontade do Criador e não na criação, ainda assim.

**Darwin** – Sim, um pequeno progresso, um pouco, na verdade, mas ainda assim. A outra direção frente a Aristóteles é perceptível. Talvez, o senhor como teólogo possa partir daí.

**Tomás** – Essa era minha especialização, partir de Aristóteles e assim introduzir pequenas correções. O senhor me lembre, por favor, mais tarde. Mas o senhor queria falar de outras teorias evolutivas, que não puderam manter o que prometiam.

**Darwin** – Pois, sim, menciono apenas dois exemplos: Lamarck e Wallace. O nobre francês Jean-Baptiste Lamarck, duas ou três décadas

antes que eu circunavegasse a Terra com o Beagle, havia imaginado uma mudança das espécies. Com o tempo se adaptariam ao seu ambiente, e essas mudanças passariam aos seus descendentes. De outro modo, como esclarecer o longo pescoço da girafa? As árvores na Savana africana protegem suas folhas ao crescerem sempre mais verticalmente para o céu. As girafas acompanham o jogo e deixam crescer seus pescoços, para poderem continuar alcançando seu pasto. Adquirem conhecimento, pois se esforçam, imaginava Lamarck, e como recompensa, com o tempo, adquirem um pescoço sempre mais comprido. Cada girafa que se espicha, aprende algo, ou seja, a altura daquelas árvores, que bem no alto possuem folhas nutritivas. Em todo caso, isso vale para a Savana africana, não é verdade? Não foi fácil perceber onde estava o erro. Por que o botânico e zoólogo francês não tinha razão? Eu mesmo, no começo, também tive alguma inclinação para esse pensamento.

**Tomás** – Por fim o senhor de novo se afastou da hereditariedade das propriedades adquiridas, ou não?

**Darwin** – Bastante cedo, mesmo que tenha arrastado alguns restos comigo pela vida afora. A criação de animais domésticos e plantas, esta foi a lição que me colocou no caminho certo. As descendentes de pombas rápidas nem todas são rápidas, o que, em se tratando de herança de propriedades, deveria ser o caso. De algum modo, também o acaso tem sua mão no jogo, era meu pensamento. Eu inicialmente ainda não sabia como ele faz isso. Aprendizagem em direção a um objetivo não pode ser; aí o acaso não tem nenhuma influência, ou até estorva.

**Tomás** – Por isso, então, Lamarck falhou? Por que sua teoria soava bem, mas não resistiu à comparação com a realidade?

**Darwin** – Exatamente. Lamarck tinha um repertório todo dessas teorias. À primeira vista se apresentavam sedutoras, mas depois viravam estorvo. Quanto mais complexa fosse uma espécie, tanto mais tempo deveria existir, pensava ele, por exemplo. De algum modo correto, porque as girafas, para se desenvolver com seus longos pescoços, necessitam um pouco de tempo. No entanto, esse pensamento se volta contra ele, porque não reconhece mudança nas espécies. De acordo com esse princípio as bactérias, por exemplo, deveriam ser bem recentes e assim por diante. O ser humano deveria ser, então, o ser vivo mais antigo na Terra, e os unicelulares os mais jovens. Quando na realidade é exatamente o contrário, como hoje sabemos.

**Tomás** – Portanto, a teoria de Lamarck está errada, como se demonstrou empiricamente, por experiência, o que significa por

comparação entre o pensamento teórico e a realidade. E como fica a situação do senhor Wallace?

**Darwin** – Alfred Russel Wallace. Sim, o bom homem, em 1858, quase me teria tomado os direitos de primogenitura na grande teoria. Totalmente sem querer, porque ele nas ilhas Bornéu, no distante sudoeste da Ásia, teve exatamente a mesma intuição que eu. No entanto, ele era de uma personalidade nobre, um verdadeiro *gentleman* inglês, e no final nós nos entendemos bem. Assim mesmo não fiquei feliz com ele. Mais tarde, com efeito, ele se afastou da rigorosa teoria empírica, e assumiu – como direi – opiniões populares. Para esclarecer as capacidades matemáticas, artísticas ou musicais, achava ele ser necessário afastar-se da seleção e introduzir bases sobrenaturais. Porque Matemática, Arte e Música não ofereceriam vantagens de seleção, assim argumentava ele, não poderiam ser esclarecidas pela teoria da evolução.

De mais a mais, pensava ele, que no “universo invisível do espírito” teriam existido três intervenções de cima: o início da vida a partir do ser, o surgimento da consciência nos animais superiores e, finalmente, o nascimento do ser humano. Isto era um espiritualismo, sim, um fundamentalismo que me abalou. Também a subdivisão é estranha: há animais com consciência? Onde fica a natureza não-viva? Na minha opinião, não precisamos de um estímulo superior para explicar o desenvolvimento da vida. Acredito nisso ainda hoje. Assim mesmo fui injusto com Wallace. Ambos não compreendemos corretamente as coisas naquele momento.

**Tomás** – Algo assim me interessa intensamente. Como se transformam conhecimentos de ontem em conhecimentos para hoje? Afinal de contas, essa era minha preocupação mais importante, quando fiz o casamento da Filosofia de Aristóteles com a Bíblia. Não quero tornar-me infinito, nem decantar alguma lei geral da história, quero apenas comparar sua arte com a minha. Tenho horror de teorias sobrecarregadas, do palavreado em torno da mudança paradigmática, e assim por diante. Não, isso não. Pergunto simplesmente, como foi no seu caso? Por que sua teoria da evolução é correta, embora não tenha sido adequadamente compreendida pelo senhor? Como, assim, foi injusto com Wallace?

**Darwin** – Pois, com as tais três intervenções de cima, Wallace tinha de algum modo uma noção correta. No entanto, a forma como expressava essa noção era impossível. Sempre se deve começar de baixo. Essa busca de razões sobrenaturais é de mau gosto. Quer-se uma explicação na Terra e busca-se no céu. Talvez eu deva...

**Tomás** – Não, não, eu entendo. Isso para mim está sob o título da inclinação para as experiências sensíveis, em latim a *conversio ad phantasmata*. Essa herança assumi de Aristóteles. Ouça o famoso início da *Metafísica*: “Todos os seres humanos buscam por natureza o saber. Um sinal claro é o amor aos sentidos. Independentemente da utilidade, os sentidos são amados por causa de si e, de todos os sentidos, especialmente as percepções dos olhos”. O senhor nota? Todo conhecimento inicia nos sentidos, especialmente no ver. No ver o ser humano se torna divino. Por isso eu coloquei toda perfeição na contemplação divina, na *visio beatifica*. No entanto, para alcançar o mais elevado, é preciso iniciar bem embaixo.

**Darwin** – Esse foi o erro de Wallace, quero dizer seu erro posterior. Abandonou a base da experiência bem embaixo e simplesmente assumiu uma explicação para uma lacuna da ciência. Eu concedo que exista uma lacuna aí, porque o acaso é verdadeiro, mas isso naquela época todos nós, também Wallace, não tínhamos entendido bem. Ele e eu tínhamos e não tínhamos razão igualmente, quero dizer a respeito da origem da Matemática, da Arte e da Música. A religião naturalmente pertence a esse grupo. A lacuna não é de pesquisa e nem mesmo depois, com melhores conhecimentos, desaparecerá. Ela é... eu também não sei o quê.

**Tomás** – O senhor sabe que eu também critiquei Aristóteles por sua tentativa de explicar a natureza completamente. É verdade que nós sempre mantivemos em alta consideração a assertiva fundamental, *natura non facit saltus*, portanto, a natureza não faz saltos, mas para a pergunta se o mundo tem ou não um início, a assertiva é sem efeito. Como poderiam eventos singulares ser captados pela razão? A razão e a experiência científica não conseguem nada sem repetição. Onde existe saber, não há saltos, pois os saltos são a morte da ciência. No entanto, seria possível repetir o mundo, quero dizer o mundo em sua totalidade? Ou ainda, seria possível deixar entrar o mundo na existência uma primeira, uma segunda ou uma terceira vez? A realidade, efetivamente, ainda é um pouco maior do que a ciência.

### 3 [DOS LIMITES DO SABER]

**Darwin** – Sim, isso eu considero um autêntico pensamento indicativo dos limites do conceber: a razão reconhece em si mesma os limites da razão. A expressão *natura non facit saltus* foi expressa desse modo por meu antepassado espiritual Carl von Linné, mas naturalmente

é Filosofia grega, desde Aristóteles, em todo caso do lado racionalista dessa Filosofia. Quinhentos anos depois do senhor, prezado Tomás, o famoso filósofo Immanuel Kant, em Königsberg, disse a mesma coisa que o senhor e com o mesmo argumento: o pensador não está acima do universo, pensava ele; o pensador vive no interior do mundo, eu talvez devesse dizer melhor, ele está em seu interior. Ele está preso no interior do universo, isso ele não deveria esquecer nunca. Por isso, fazer a afirmação: o mundo é eterno, ou: o mundo não é eterno, acaba num beco sem saída. Kant falava de uma antinomia, embora as palavras diferentes quisessem dizer a mesma coisa que no caso do senhor. Brincando, poderia dizer-se que Kant forneceu duas demonstrações, uma para a eternidade e outra para a não-eternidade do mundo.

**Tomás** – Ouvi falar a respeito e aprovo. Contudo apareceu depois uma multidão de teólogos e filósofos que me queriam contrapor a esse Kant. Eu teria sido objetivo e Kant teria pensado subjetivamente. Kant, com seu pensamento transcendental, teria descoberto em grande estilo os limites do pensar, enquanto eu não. Está certo isso? Não de todo, diria eu, porque em aspectos importantes eu também já o havia feito. Ademais, é essa exatamente a minha reserva geral ao Filósofo. Eu suspeito que, para Aristóteles, não existissem limites para a razão.

**Darwin** – Então, ele não era um grande pensador, pois apenas a consciência dos limites torna grande. Pensar quer dizer certamente, pensar o pensar ou reconhecer os limites da razão. Eu deveria me expressar de maneira cuidadosa: ter como possíveis os limites da razão, pois não podem ser reconhecidos. O positivo, o que está aí normalmente se pode reconhecer. Mas o que não está aí, como seria possível reconhecê-lo?

**Tomás** – Claro, não podemos exagerar, Aristóteles foi um grande filósofo, talvez mais um cientista positivo do que um cético negativo. Além disso, o que o senhor diz sobre o positivo e a cognoscibilidade, até hoje me deixa intranquilo. Naturalmente não se pode reconhecer o nada, somente o ser positivo é concebível para nós; mas como falar seriamente de um limite do conhecer, se do nada nada se pode conhecer? Isso me faz pensar sempre de novo.

**Darwin** – Aí talvez o senhor possa ser ajudado. Não por mim, mas pelo século XX e pela nova Física, em que se demonstrou medindo o que não pode ser medido. Portanto, se a natureza realmente faz saltos, isso é como um nada no ser. A natureza é, simultaneamente, contínua e pontualizada, diz a ciência. Às vezes faz saltos e outras, não, o que corresponde à verdade do acaso e da necessidade na natureza. Esse saltar,

por mais estranho que possa parecer, foi demonstrado definitivamente ao final do século XX. Fala-se em saltos quânticos não-causados, ou simplesmente do acaso que é verdadeiro.

**Tomás** – Estou sem palavras. Num tal século teria gostado de viver. Autêntico saber do nada, o que logicamente não é possível. Maravilha!

**Darwin** – Logicamente impossível, mas talvez ontologicamente sim. A realidade talvez seja mais abrangente do que nossa razão gostaria de permitir. “Há mais coisas no céu e na terra do que em vossa sabedoria escolástica se deixa sonhar”. Esta palavra um famoso autor inglês um dia colocou na boca de seu herói: “*There are more things in heaven and earth, than are dreamt of in your philosophy*”<sup>2</sup>.

[...] p. 122-131.

#### 4 [DA TEOLOGIA E DA TEORIA DA EVOLUÇÃO NO SÉCULO XXI]

**Tomás** – [...] Assim como eu, na Idade Média, fiz de Aristóteles, com algumas correções, a base para a Teologia, assim a Teologia do século XXI poderia tomar como base a teoria da evolução de Darwin, quero dizer, sua teoria da evolução. Com algumas correções evidentemente, que a própria ciência do século XX já introduziu. O senhor concorda com isso?

**Darwin** – Soa muito fácil, se eu agora simplesmente responder com sim. Nós temos aqui uma questão envolvendo grandes figuras: de um lado, está a venerável Teologia e, do outro, os ambiciosos biólogos. Assim mesmo eu diria: Sim, assim deveria ser. Isso poderia ser o programa com muito futuro.

**Tomás** – Pois bem, eu tive o trabalho com Aristóteles e não posso, nem quero ter o trabalho de novo com a teoria da evolução. Bastaria mencionarmos apenas o princípio da continuidade e da contradição.

**Darwin** – Sim, e além disso me interessa saber o quanto a teoria da evolução é definitiva. Pode existir um verdadeiro progresso que vá além da teoria quântica e da evolução? Faço a pergunta de maneira bem geral, não necessariamente ao senhor, mas a mim e a qualquer um disposto a pensar junto.

**Tomás** – Sua pergunta me admira. Meu princípio reza: nós pensamos no hoje. Quem pensa muito no amanhã, muito cedo se torna

<sup>2</sup> W. Shakespeare. *Hamlet*. 1º Ato, Cena 5 [N.T.].

de ontem. Eu pensei no meu século somente aquilo que era do tempo, e assim alcancei uma síntese quase atemporal entre fé e saber, uma *Philosophia perennis*, como alguns seguidores entusiasmados falam até hoje, uma forma de pensamento que dura através dos tempos. Isso eu nunca pretendi...

**Darwin** – Sim, sim, o medo do futuro também está na minha pergunta. Mas não só! Em certo sentido, imagino eu, minha teoria da evolução é definitiva: Demarca o espaço e somente no interior do espaço de mutação e seleção ou de acaso e necessidade ainda acontece progresso na vida e no conhecimento. O mesmo aconteceu na teoria quântica. O espaço de acaso e necessidade, desde há décadas, está demarcado e somente entre os dois ainda podem ser vistas as formas de vida, essas, no entanto, em medida muito rica e crescente.

**Tomás** – Então precisamos compreender apenas esses dois espaços e teríamos uma verdadeira *Philosophia perennis*.

**Darwin** – Sim e não. Esses dois espaços da natureza viva e não-viva são, vistos mais de perto, um único espaço, que aparece quando olhamos para a natureza. O espaço chama-se para a natureza viva como para a não-viva sempre somente acaso e necessidade.

**Tomás** – Meus parabéns, senhor Darwin, no seu século eu teria gostado de viver. Embora, claro, o século XIX também ainda estivesse errado.

**Darwin** – Sim, naturalmente, eu me admiro como foi possível a fé no Deus pessoal sobreviver do século XVI ao século XIX. Foi o inverno para a Igreja, mas mal e mal alguém se deu conta disso. Teoricamente, portanto a partir das ciências, a fé perdeu a plausibilidade. As pessoas simplesmente não são consequentes, o que nesse caso...

**Tomás** – ... o que nesse caso até foi a sabedoria maior. O melhor mesmo teria sido viver no século XXI, então se teriam as coisas mais lindas e as mais agradáveis que se poderiam imaginar para pensar. Por que Aristóteles e Newton não podiam oferecer esse espaço? Isso me interessa. Essa é uma questão. Uma segunda questão para mim seria: o que me levou a mudar Aristóteles, e o que deveria levar um teólogo do século XXI a um mesmo empreendimento?

**Darwin** – E eu acrescento a terceira pergunta: Como se podem entender e explicar melhor os três passos de Wallace, da vida, da consciência, do ser humano ao qual, a rigor, deve preceder um passo zero com o ser? A prova dos exemplos seriam naturalmente a Matemática, a Arte, a Música e sua origem, assim como, especialmente, a da religião.

**Tomás** – A primeira pergunta, portanto: Por que os sistemas metafísicos e físicos universais de Aristóteles e Newton tiveram que ser melhorados posteriormente?

**Darwin** – Posso tentar uma resposta? Já estou treinado na situação paradoxal da ciência no século XX. Minha tentativa: Os sistemas universais de Aristóteles e Newton têm seus limites fora de si, enquanto a teoria quântica e da evolução os têm em si mesmos. Disso resulta a enorme e colossal diferença. Assim, quando Aristóteles fala de forma e matéria, isso é inteiramente esclarecedor, o modelo não tem limites em si. A mesma posição universal é expressa em Newton pela força da gravidade, que deve dirigir todos os movimentos de todos os corpos. Esse foi um modelo muito bem-sucedido, razão por que podia ser mantido quase para toda realidade. Newton tentou esclarecer até mesmo a luz pela mecânica, o que, no entanto, não funcionou.

**Tomás** – Eu imagino o que o senhor quer dizer. Mostrar a falta interna de limites dos dois sistemas parece um bom pensamento. Então Platão, que no *Fédon* deixa Sócrates saber dos limites do conceito ou também Immanuel Kant, com sua antinomia da razão, estaria ao lado do limite que transcorre no interior do pensar? Eu compreendo: o conceito não alcança inteiramente a coisa em si, exatamente por ser um conceito. O pensar transcendental é um pensar com limites internos.

**Darwin** – Certamente, como eu gostaria de supor, por isso considero filósofos conscientes do limite no pensar menos limitados, portanto maiores, ...

**Tomás** – ... porque livremente aceitaram um limite. A disposição livre de ser pequeno torna maior? Sim, o pensar toca aqui a religião.

**Darwin** – Livremente, é bom, muito bom, não podemos perder essa palavra-chave. Pois, sem querer, Newton e Einstein e Aristóteles e muitos outros ilimitados foram superados por seus limites, exatamente porque pretendiam teorias sem limites internos.

**Tomás** – Historicamente pode ser que não seja muito exato, mas na linha dos três, que o senhor mencionou, está a não-limitação. Aristóteles falou, por exemplo, da matéria, ora como primeira, ora como última, e a definiu como incognoscível. E Newton...

**Darwin** – ... sim, sim, isso talvez seja melhor eu mesmo dizer. Meu querido conterrâneo tinha esboçado, em torno de 1700, um sistema universal ilimitado, a respeito do qual ele mesmo era quem estava mais assustado. Por isso inseriu alguns erros; alguns acham até que ele teria

errado intencionalmente os cálculos para deixar um espaço para Deus. No seu sistema, os planetas caem regularmente no Sol. Como, no entanto, de fato na natureza circulam em rotas estáveis, Newton tem apenas uma explicação para isso: Deus, o criador, precisa ajudar o tempo todo sua criação, a fim de que tal desastre não possa acontecer.

**Tomás** – Sim, é exatamente o mesmo limite como no caso dos defensores do *Design* inteligente no século XXI. Se bem que, no caso de seu contrarrâneo, ele sabia sobre que coisas deveria prestar atenção. Claro que essa limitação artificial externa da razão não poderia funcionar bem. Nota-se a intenção e se fica desapontado.

**Darwin** – De fato, não funcionou. Com a morte de Newton, em 1727, a ciência se tornou atea e com ela a maioria dos cientistas. Os newtonianos posteriores simplesmente apagaram o erro artificial. Eles queriam tornar-se os explicadores absolutos do universo para o que o sistema de Newton era um convite sedutor. Ora, compreender tudo significa assumir o lugar de Deus.

**Tomás** – Apesar de o erro se encontrar em cada sistema da natureza, naturalmente não como falha, mas como acaso, como limite do conceito.

**Darwin** – Certo, mas isso ficou bem claro apenas no final do século XX, com muitas dores de parto por décadas a fio. Os pesquisadores sofreram verdadeiros traumas e muitos ainda não passaram o luto pela perda da visão de conjunto, que sempre ainda era esperada e sonhada, mas nunca realizada. Eu temo que a maioria nem mesmo começaram com seu luto por não perceberem a perda ou esperam por uma nova visão de conjunto.

**Tomás** – Ao menos os teólogos do século XXI não precisam se preocupar com isso, pois espero que sejam suficientemente corajosos. Como o senhor vê a situação, senhor Darwin?

**Darwin** – Ambígua, ou melhor, clara. Sempre ainda muitos teólogos parecem bastante amedrontados. Assim vejo a situação. As duas grandes batalhas perdidas contra Galileu e contra mim ainda fazem tremer os teólogos. Um dos mais conhecidos achava no século XX: “Teologia e ciências naturais fundamentalmente não podem entrar em contradição, porque ambas, desde o início, se distinguem pelo âmbito de seu objeto e seu método”.

**Tomás** – Esse teólogo deve ser meu parente. São as mesmas palavras que eu antes, portanto, no ano 1271, usei, quando separei o pensar do filósofo do da doutrina da fé.

**Darwin** – O que aconteceu ao senhor naquele tempo, também se tornou o destino desse teólogo: o princípio não se sustenta. Nós vivemos num mundo só, por isso cada pensamento influi cada um dos outros. Se uma criança joga uma boneca para fora do carrinho, abala-se a Lua, ainda que seja levemente. Também temos os grandes exemplos. Tanto Aristóteles quanto a Mecânica em sua formulação original são absolutamente letais para a Teologia. Quem pode, então, falar em não-contradição fundamental?

**Tomás** – Naturalmente, na prática eu também não me ative ao meu princípio. Já assumi isso anteriormente... Aí me vem, a propósito, uma ideia. Nós poderíamos buscar vestígios nos reino do Espírito.

**Darwin** – Como? O que deveríamos buscar?

**Tomás** – É só uma ideia que me veio agora. Talvez seja boa e deva ainda ser melhorada. Eu só penso que se, como o senhor diz, no século XXI mudou tanto a situação da relação entre fé e saber ou também Teologia e ciências, então a ciência poderia aos poucos ter que passar à defensiva à qual nós teólogos estivemos obrigados há séculos, digamos desde Copérnico.

**Darwin** – Sim, isso não apenas posso bem imaginar, como conheço uma série de cientistas que desistiram do projeto. O bem-conhecido Richard Feynmann afirma isto: “A Física desistiu. Nós não sabemos como se poderia prever o que aconteceria em determinadas circunstâncias”.

**Tomás** – Surpreendentemente honesto. Muita gente o seguiu nessa opinião? Eu ficaria admirado. No meu tempo, as opiniões antiquadas não desapareciam, porque as pessoas mudavam de opinião, mas porque envelheciam e morriam.

**Darwin** – Naturalmente, assim ficou até hoje. O mais conhecido, no século XX, foi Einstein. Ele não era um ideólogo, não confundiu desejo com realidade; no entanto envelheceu e faleceu com o desejo de que o acaso não fosse real.

**Tomás** – Então o meu experimento mental agora é o seguinte: quem se coloca na defensiva, procura segurança. Não mais por argumentos, mas por burocracia. Existem proibições de pensar, proibições de ensinar, inquisições e assim por diante. A vigilância junto ao rio Tibre sempre teve sua justificação; mostra, contudo, também a fraqueza dos argumentos, se não podem mais convencer adequadamente. Qual não deve ser a culpa dos vigias!

**Darwin** – O senhor pensa que tais proibições de pensamento existem ainda hoje, só que do outro lado?

**Tomás** – Sim, exatamente, essa é minha suposição.

**Darwin** – Deixe-me ver... Certo, existem pessoas que estão inteiramente convencidas da assimetria entre Ciência e Teologia. Afirmam que a Física pode prescindir de qualquer argumento da Teologia e que, em relação a esta, é inteiramente livre. A Teologia, no entanto, não deveria ser livre, mas deveria estar presa ao que a Física e as pesquisas da natureza lhe dizem. O modelo que têm na cabeça: A ciência é inequivocamente [sem interpretação] certa, enquanto a Teologia é uma interpretação, com todos os riscos de interpretações.

Do lado da Biologia, a censura é ainda mais violenta. “Se os seres humanos surgiram por seleção natural, portanto, por casualidade genética por necessidade do ambiente, então não foi Deus quem criou as espécies”. Por isso, esse biólogo chega à conclusão: “A Teologia como disciplina humanística independente certamente não pode sobreviver”.

**Tomás** – Como o senhor pode ver, essa é a inquisição de hoje. A Teologia é submetida, colocada sob tutela. No meu tempo, era o contrário. A Filosofia era dependente, era a serva, e deveria carregar a cauda do véu da Teologia.

**Darwin** – As pessoas pensam, naturalmente, ter argumentos muito fortes, a saber, o sucesso das Ciências. No entanto, isso sabemos agora, as Ciências naturais não fornecem uma descrição total e, sobretudo, objetiva da realidade, porque o acaso é verdadeiro. Portanto...

**Tomás** – ... portanto, a argumentação se transforma em burocracia. As sentenças, com as quais isso acontece, podem ficar inalteradas, apenas se precisa substituir Ciência por Teologia e Teologia por Ciência.

**Darwin** – Agora estamos prontos com a pesquisa. Podemos tentar uma resposta à primeira pergunta. Aristóteles e também Newton foram limitados de fora, porque suas teorias não tinham limites internos. Isso se tornou totalmente diferente com a teoria da evolução e com a teoria quântica. Como estas são limitadas, a partir de dentro, não tocam em limitação nenhuma de fora.

**Tomás** – O que diz o senhor? Essa agora é uma explicação que toca um limite.

**Darwin** – Limite, sim, mas de dentro. Esses esboços universais não tocam em limite, trazem o limite com sua explicação de mundo. Por isso, não são explicação total, ainda que expliquem tudo o que pode ser explicado. Abre-se, assim, a porta a uma realidade que não pode mais ser fechada. Nem toda realidade é objetiva ou descritível causal e mecanicamente. Nem toda realidade é natureza. Isso não deveria dar coragem aos teólogos do século XXI?

## 5 [DE CIÊNCIA, FÉ E TEOLOGIA]

**Tomás** – Com isso o senhor passa à segunda pergunta: O que me levou a mudar Aristóteles? Eu diria que, desde Aristóteles até o meu tempo, mudou-se a visão interna, subjetiva da realidade na Europa. Entre ambas está o batismo da Europa. É a experiência de fé da pessoa, da liberdade, da singular dignidade do ser humano, pela qual o sistema de Aristóteles teve que ser transformado. A Ciência descreve o mundo, na medida em que pode ser captável; a fé reconhece o ser captado que precede a todo captar.

**Darwin** – O que vem com certo gosto amargo, próprio de toda crítica externa. A fé critica de fora, quando o sistema de opiniões e visões não lhe agrada...

**Tomás** – Ora, senhor Darwin, tão externo e tão tosco o senhor não pode considerar meu trabalho.

**Darwin** – Oh! Perdão. Eu não pensei no senhor. Eu tenho a mais alta consideração pelo senhor e sua síntese. O que o senhor podia fazer no seu tempo, o senhor fez.

**Tomás** – O senhor acha que mais não dava para fazer, porque o tempo ainda não estava maduro?

**Darwin** – A experiência interna tem também sua razão de ser, a experiência de fé. Mas ganha muito mais peso, se não é simplesmente enxertada na Ciência, mostrando assim sua vitalidade e importância, ...

**Tomás** – ... mas brota como um ramo da árvore.

**Darwin** – Sim, e isso aconteceu agora no século XXI. Ou melhor, é preciso fazê-lo acontecer no conhecimento. A rigor, os teólogos não deveriam exultar de alegria, pois uma teologia melhor nunca foi oferecida. Pela primeira vez, se torna pensável liberdade na natureza, que é o pressuposto para toda fé num criador pessoal.

**Tomás** – Pois preste atenção, se continuar assim, o senhor, seguramente ainda receberá o título de “Padre da Igreja”! Mas eu o entendo. A Ciência reconhece os seus limites, e o limite do saber é também um saber que abre a visão para uma nova realidade. Isso é estranho: O reconhecimento de um limite intransponível transpõe os limites para uma nova realidade. Isso quer dizer, o reconhecimento dos limites é, ao mesmo tempo, uma superação do limite e a abertura de uma nova perspectiva. Talvez o tempo ainda não estivesse preparado para tal síntese. Melhor dizendo, ainda não estava livre. O que eu fiz? Eu dei a árvore de Aristóteles e lhe enxertei alguns ramos da experiência cristã.

Por isso minha síntese parecia sempre um pouco um casamento entre fogo e água.

**Darwin** – O senhor fez o que podia. O senhor uniu a objetividade de Aristóteles com a personalidade da revelação tanto quanto era possível na época. Como ouço dizer, seu coirmão franciscano, Boaventura, tocou no mesmo problema, mas solucionou-o de um modo muito diferente. Ou não posso chamá-lo de coirmão?

[...] p. 140-141

**Darwin** – Sim, e isso mudou com a teoria da evolução, melhor, com a descoberta do acaso e da necessidade como elementos básicos da realidade. O mundo objetivo da Biologia e da Física não é mais o inimigo da pessoa, mas se tornou seu pressuposto irrenunciável. De maneira natural, a liberdade da pessoa segue dos elementos fundamentais da natureza, justamente a partir do acaso e da necessidade.

**Tomás** – Mas, diga-me, isso é uma variante nova de minha intuição sobre forma e matéria. Fico feliz com essa associação. Talvez a melhor maneira que me ocorreu no casamento entre Aristóteles e a Bíblia é a fusão de alma e corpo: *Anima forma corporis*, a alma é a forma do corpo.

Assim chegamos à terceira questão, que o senhor propõe. Como podemos melhorar a proposta de Wallace para a evolução da vida, da consciência, do ser humano? O que distingue o ser humano dos outros animais? Por que aquele tem linguagem, música, religião?

**Darwin** – Aí nos deparamos, antes de mais nada, com o problema guardado, um problema formal espinhoso. Nenhuma definição é perfeita, porque, ao delimitar, recorta, mas nunca é ontologicamente pura.

[...] p. 142-144

## 6 [DA CRIAÇÃO A PARTIR DO NADA]

Sabemos da diferença sempre presente entre conceito e realidade, o que nos torna mais cuidadosos. No entanto, nem por isso abandonamos o pensar, como alguns fanáticos da realidade poderiam exigir.

Eu sei, existe a doutrina teológica da criação do nada, a *creatio ex nihilo*. Esse surgir singular está em paralelo com a criação continuada, a *creatio continua*. Não quero avaliar nem recusar essa maneira de entender a criação, embora não me sinta muito à vontade com o conceito.

**Tomás** – Eu também tinha sempre um problema com isso, pois meu Filósofo ensinava sem meias-palavras: do nada não pode vir nada, *ex nihilo nihil fit*. Por isso seu mundo precisava ser eterno. No entanto, a Teologia afirma a criação a partir do nada [...] só que pressupõe o criador. Nós teríamos agora a bela tarefa de pensar algo intermediário entre o nada e a totalidade do universo.

**Darwin** – Naturalmente. Podemos resolver isso agora melhor do que antes. Transformamos o nada em acaso, uma vez que alguns físicos até mesmo afirmam ser o mundo uma flutuação quântica. Como naturalmente há também no mundo muita necessidade, podemos interpretar acaso e necessidade como eventos constantes da liberdade, que está no início e no fim do cosmo, e sempre também no meio. Não houve uma origem primordial singular, mas três: o aparecimento do ser a partir do nada, o despertar da vida a partir do ser e o nascimento do ser humano.

**Tomás** – Espetacular. Assim preserva-se a diferença entre criação singular no início e continuidade no tempo, enquanto se esclarece o seu sentido: criação é um evento da liberdade, no início, no meio e no fim. Para isso requer-se, contudo, a realidade do acaso na natureza; para isso requer-se a Física do século XX.

**Darwin** – Os três surgimentos primordiais são reais em seu ser primordial, pois, visto cientificamente, o acaso tem um papel autêntico, e igual tanto na explosão inicial como no faiscar dos neurônios no cérebro, o que nos permite interpretar a inter-relação entre acaso e necessidade como evento da liberdade do criador com sua criatura.

**Tomás** – Sobretudo podemos afastar-nos da cinzenta *analogia entis*. Eu tive que adotá-la como recurso universal para a relação entre criador e criatura, mas nunca me pareceu uma solução inteiramente satisfatória. A analogia oferece uma explicação para o caso de a obscuridade fazer pardos todos os gatos. Se colocarmos a liberdade no lugar da analogia, fica mais claro. Mantém-se, obviamente, a diferença entre criatura contingente e criador infinito, e suas liberdades são diferentes, mas podemos considerá-las como vindas da mesma fonte. O que a analogia sempre queria dizer, mas nunca foi capaz de articular adequadamente, era a diferença entre apreender e ser apreendido.

**Darwin** – Meus parabéns, senhor Frei Tomás. A Teologia progride, até mesmo com a ajuda da Modernidade inimiga. “Pela boca das crianças e bebês, tu és louvado, ó Senhor, apesar dos teus inimigos”. Assim o senhor poderia exclamar com o *Sl* 8. O que me interessa, de modo

especial, é a unidade desses três surgimentos primordiais. Naturalmente poderiam também ser quatro, sete ou nove, como o senhor quisesse, embora, como eu acho, depois do ser humano nada mais de novo pode surgir. Precisamos dizer, logo, por que o ser humano é o objetivo buscado, embora ele ainda esteja à procura do seu objetivo.

**Tomás** – Sim, por favor, estou curioso.

## 7 [DO SER HUMANO – CULMINÂNCIA DA EVOLUÇÃO?]

**Darwin** – O ser, a vida e o ser humano, são três máquinas sempre mais perfeitas de preservação da liberdade. Máquinas, naturalmente é uma palavra inadequada, porque soa muito mecanicisticamente e faz pensar em necessidade determinística. Deixo assim mesmo, pois com máquinas o ser humano imita a natureza, e a natureza está cheia dessas máquinas primordiais. Por isso, a palavra.

O simples ser da natureza inorgânica é um lugar fraco de preservação, uma máquina rudimentar. A simples matéria não pode registrar muita coisa. Por isso originou tão poucas formas, mas algumas sim. Sim, naturalmente, a radiação de fundo da explosão inicial há 13,7 bilhões de anos e sua assimetria, pode ser medida ainda hoje. Também a colisão da Terra e da Lua, há 4,5 bilhões de anos, pode ser vista a cada dia, quando olhamos no céu o nosso Satélite. [...]

[...]

Meu segundo passo agora é o surgimento da vida. O passo é claro, no entanto permanece misterioso. A vida é um grande salto para poder guardar melhor os saltos na natureza. A emergência da vida, há três ou quatro bilhões de anos, na Terra, acelera enormemente a história. Sim, a natureza antes mal e mal possuía uma história, porque sua colaboração foi pouco preservada.

**Tomás** – O segundo passo é tão primordial quanto o primeiro, apesar de ser posterior. Teologicamente procuramos compreender isso pela Cristologia. A realidade sai de si, embora permaneça ela mesma. Da mesma forma como o Logos procede do Pai na eternidade, assim a criação no tempo vem de Deus. E a vida vem do inorgânico.

**Darwin** – Veja o senhor, isso é possível apenas com a teoria da evolução, oferecendo à Teologia uma nova primavera. Não existia antigamente uma lacuna muito grande entre a criação em Cristo e seu nascimento? A teoria da evolução supre essa lacuna. A vida, desde

os seres unicelulares até aos mamíferos, é um sair e um reunir; não tem objetivo e, no entanto, anda sempre mais rapidamente. As taxas de aceleração são de tirar o fôlego. Primeiro por três bilhões de anos apenas unicelulares, e então, desde há 550 milhões de anos, os rápidos pluricelulares. A aceleração acelera a aceleração.

**Tomás** – Isso quer dizer que poderíamos identificar ainda muitos degraus na escalas da origem e chamá-las de surgimentos primordiais?

**Darwin** – Claro, naturalmente, por que não também a multiplicidade de células? Ou, antes, o surgimento do oxigênio livre. Tudo serve para a aceleração. Na Biofilosofia, o conceito de complexidade é discutível, porque algumas pessoas naturalistas temem o retorno da odiada Teologia. Contudo, se, em lugar de complexidade, falarmos apenas em aceleração, temos um bom substituto, que satisfaz a todas as partes, ao menos, se forem de boa vontade. Essa aceleração evolutiva parece estar orientada a um objetivo, mas não chega nunca. Esse é o mistério da nova teleologia.

**Tomás** – O senhor está ficando cada vez mais misterioso. Mas antes de nomear o objetivo sem objetivo com um nome, diga mais alguns degraus intermediários da aceleração.

**Darwin** – Com todo o prazer. Começo com o oxigênio livre, há aproximadamente dois bilhões de anos, e, com isso, a possibilidade da respiração de oxigênio. Até aí era um veneno perigoso para a vida, e de então em diante lhe serve como combustível de aceleração. Depois, o surgimento dos mamíferos, portanto do animal com sangue em temperatura estavelmente quente, há cerca de 200 milhões de anos; há dois milhões de anos, os primeiros vestígios de consciência; há 200.000 anos, primeiros indícios de reflexão; há 20.000, o primeiro pensamento abstrato; há 2.000 anos, o início da ciência sistemática; há 200 anos, a descoberta da natureza como parte da história ou da história como parte da natureza.

**Tomás** – Meu Deus, eu estou sem palavras. Agora só precisaríamos ainda indicar um último degrau que tivesse ocorrido há 20 anos para completar a aceleração decimal. O senhor tem um candidato?

**Darwin** – Sim, se tomarmos o computador. Como aparelho popularizado tem aproximadamente 20 anos. Acelera a complexidade, ou, digamos, acelera enormemente a aceleração para a preservação do passado.

**Tomás** – Só vejo aí apenas uma pequena dificuldade. O senhor escondeu o ser humano em algum lugar da série de acelerações

decimais. Como é que o senhor lhe quer assinalar a terceira grande geração primordial. Como quer lidar com a experiência de querer ser o coroamento da criação?

**Darwin** – À primeira vista parece difícil. No entanto, não podemos ficar parados e olhar os degraus apenas externamente. Precisamos observar o próprio conteúdo. E o conteúdo...

**Tomás** – ... é talvez o objetivo sem objetivo, que o senhor mantém escondido. Além disso, poderíamos ainda buscar uma descoberta de há dois anos. Ocorre alguma coisa?

**Darwin** – Exatamente, agora quero revelar o segredo, que vincula a teoria da evolução com a Teologia, ou, se quiser, com a fé: é a luta pela sobrevivência, o *struggle for survival*, junto com a sobrevivência dos mais adaptados, o *survival of the fittest*. Aqui o senhor tem o objetivo sem objetivo: a sobrevivência. E isso é também a última descoberta na série decimal, há não mais de dois anos.

**Tomás** – Como assim, isso é um verdadeiro objetivo, a sobrevivência, não é sem objetivo...

**Darwin** – Um objetivo que nunca é alcançado, ou somente por pouco tempo. Nem a espécie, nem indivíduos singulares na espécie sobreviverão, apesar de a teoria da evolução ter afirmado a sobrevivência como o único objetivo e finalidade da evolução.

**Tomás** – Aqui se abre um abismo de perguntas, mas talvez também a porta de um enorme tesouro. Toda evolução se esforça por bilhões de anos para finalmente gerar em si um ser, o ser humano, que é capaz de pensar a ausência de finalidade de todo empreendimento. Impressionante. Morta está toda teleologia.

**Darwin** – Mais morta ainda está toda causalidade! À primeira vista, seria de cometer suicídio espiritual, como aquele biólogo Jacques Monod.

**Tomás** – De quem o senhor está falando? Quem era esse?

**Darwin** – Ah, era um biólogo molecular francês e naufragou na teoria da evolução. Talvez por ser um bom biólogo, e ao mesmo tempo, uma cabeça muito lúcida: “A objetividade da natureza é uma coluna mestra do método científico” era sua sentença favorita, e com esse método foi para a realidade e infelizmente fracassou. A objetividade da natureza e a realidade do acaso não combinam. E Monod se deu conta disso. Como não conseguia ver saída para o dilema, expressou seu sofrimento em tons trágicos, e qualificou o ser humano como um “cigano na periferia do universo”, o que, em outras palavras, foi um

modo sofisticado de o desqualificar. Com o louvor da objetividade inicia seu livro, com o canto da tragédia ele o termina<sup>3</sup>.

**Tomás** – Soa realmente como um suicídio espiritual. Meu Deus, ele não podia aceitar sua situação, porque pretendia agarrar-se a esse mundo, talvez por não ser religioso, pois religião é confiança na realidade, também quando não agrada.

**Darwin** – Em todos os casos a boa religião contém mais do que aquilo que eu, em outros tempos, chamei de religião de cão: veneração de Deus como salvação da vida, como continuação da luta pela sobrevivência no aqui e no depois. Confiança na realidade, isso é extremo. Aí começa o sofrimento e, com certeza, também a salvação.

**Tomás** – Isto realmente seria a religião verdadeira, pois...

**Darwin** – Eu sei, a melhor religião está contida na palavra de Jesus: quem quer salvar a sua vida, vai perdê-la...

**Tomás** – ... e quem a perder, vai preservá-la. Esse é o resultado incrível da teoria da evolução: tudo na natureza quer assegurar a sobrevivência e não o consegue. Quando vem o momento do despertar, o ser humano reconhece a sua morte...

**Darwin** – E está de acordo, se tem a religião certa. Sim, isso Jacques Monod não podia aceitar, ele não concordou. Como poderia, também, enquanto cartesiano, estar de acordo com a vida? Como filósofo exigia a visão de conjunto; enquanto filósofo via sua vida indo embora.

**Tomás** – Qual seria a posição contrária? Quero refletir um momento... Sim, isso: se amanhã fosse o fim do mundo, se de novo um bloco de 12 km de diâmetro, como há 65 milhões de anos, colidisse contra a Terra, então a vida não teria sido em vão, certo? Não teria sido sem sentido, certo, senhor Darwin?

**Darwin** – Estamos de acordo, prezado irmão. Isso eu chamo concordância com a existência, amor à vida, conhecimento de Deus. Ou melhor ainda, reconciliação com a finitude. Agora sim, podemos afirmar o ser humano como coroação da criação. O ser humano é o único ser vivo que sabe de sua morte e desse saber faz a sua vida. Saber da própria morte é seu grande capital, é uma fonte de música, linguagem, religião, matemática: “Alegrai-vos da vida, porque a luzinha ainda brilha”, como está no poeta suíço Johan Martin Usteri.

---

<sup>3</sup> Trata-se de *O Acaso e a necessidade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976 [N.T.]

## 8 [DA MORTE E DO SENTIDO DA VIDA]

[...] p. 151-158

**Tomás** – [...] O ser humano canta e fala de sua morte, quando esta se torna essencial...

**Darwin** – ... e do tempo, que ainda lhe resta, até que esteja na sua hora, porque respira, enquanto a luzinha da vida ainda reluz. Como diz o místico barroco, Angelus Silesius: “Homem, seja essencial, pois, quando o mundo se desfaz, as aparências lá se vão, a essência, esta sim, permanece”.

**Tomás** – Eis que ouço os tons do meu velho mestre Aristóteles. A essência é a substância e a aparência, isso é o acidente. Quero dizer, esse Anjo Silésio suspeitava de algo maior do que seu tempo lhe permitia dizer. Se o acaso é autêntico, isso consegui aprender agora, então a aparência também pertence ao essencial, pois no reflexo colorido nós temos a vida. A história da natureza é a aparência, que no ser humano torna-se essência, preservação.

**Darwin** – Então, prezado Tomás, a expressão mística está certa. Com uma pequena mudança, ele conclama a levar a vida finita a sério – se depender de mim, também alegremente – em todos os casos, considerá-la autêntica, mesmo sendo possível sempre um desvio. Desviar significaria sempre a perda de uma dimensão. Portanto, quem apenas aposta no acaso, ou se assenta exclusivamente na necessidade, ou quem deixa, indiferente, passar ambos os poderes pela vida, esse a desperdiça.

[...]

**Tomás** – É uma boa ideia tentar explicar a linguagem e a música juntas. Nada estranho, então, se o senhor experimenta a unidade mais profunda na música sacra e na ópera. Na linguagem, o ser humano informa do ato de apreender as coisas, digamos de se apropriar da realidade, precedido pela emoção; e na música, onde a emoção está em primeiro lugar, se busca uma forma que vem do ser humano sensibilizado, pois é ele quem inventa as melodias, constrói os instrumentos, aprende a cantar e a tocar e promove a audição musical.

**Darwin** – Bom, consigo me achar. Mas onde ficou a morte? A linguagem também trata da morte?

[...] p. 159-161

**Tomás** – Isso nos conduz à última pergunta. Qual é a esperança para além da morte? A partir de si, sozinho, a partir de sua natureza

ou da sua inteligência, não pode conseguir uma resposta. Do contrário teríamos que admitir que o ser humano se tivesse criado a si mesmo ou seria a *causa sui* de sua própria salvação [...].

**Darwin** – Não sei se a Biologia, as Ciências podem dar alguma contribuição. No máximo negativamente, o que nós antes já consideramos muito positivo, pois essa linha de pensamento foi que nos levou para mais longe. Quero dizer, a apropriação da vida pertence à vida e é o pressuposto da ciência. Se toda realidade somente fosse natureza, então a ciência poderia excluir toda esperança para depois da morte.

**Tomás** – E o teólogo, que sou eu, diz, então: Aqui tivemos muita sorte, pois, com o mecanicismo da visão de conjunto, agora já não se conta mais. O ser impressionado, a sensibilidade, é mais originário do que o apropriar-se. E as formas mais claras de impressão e sensação constituem o nascimento e a morte. Aí o ser humano é mais passividade do que passivo<sup>4</sup> e...

**Darwin** – ... e ele pode somente crer o outro lado da verdade, que não é natureza, quer dizer, aceitar, quando lhe é dada. Bom, nesse ato de liberdade, o ser humano reconhece enfim o Deus que age livremente, e, então, há também espaço para a revelação. Pois, revelação é agir antecipado, antes de o ser humano atuar. Em linguagem clássica, revelação de um Deus autor-revelador. Só que permanece um pequeno problema.

**Tomás** – Sim, eu tenho uma ideia onde o problema se escondeu. O problema é: Onde permanecerão os resultados da vida? Onde fica o balanço final da colheita, quando a vida se encerra com uma catástrofe? Pois, ao que tudo indica, será um desastre cósmico: “Naqueles dias o Sol escurecerá, a Lua não brilhará mais e as estrelas cairão do firmamento”, assim está no *Apocalipse* da Bíblia e é também Astrofísica do século XXI. E onde ficarão os resultados? A vida finita das criaturas deveria reencontrar-se de algum modo na vida infinita do Criador...

**Darwin** – Aqui não encontro uma solução racional, não podemos ver nada de algum modo comparável a um saber. No máximo, outra vez de forma negativa, mas muito efetiva. A Biologia evolutiva vem ao encontro da Teologia. Conhecemos a preservação na natureza, pois brincamos comparando a história da colheita com três máquinas: matéria

<sup>4</sup> Referência a E. Levinas: “Sous le poids dépassant ma capacité, une passivité plus passive que toute passivité corrélatrice d’actes, ma passivité éclate en Dire. L’extériorité de l’Infini se fait, en quelque façon, intériorité dans la sincérité du témoignage” (Autrement qu’être ou au-delà de l’essence, p. 229) [Nota do Autor].

inorgânica, vida e, finalmente, consciência. Podemos concluir, a partir daí, para os resultados da vida.

**Tomás** – Ah sim! Os degraus da vida são reconhecidos retroativamente, mas nunca olhando para frente. Para cada ser vivo o futuro aparece refratado pela morte, mesmo que a vida atravessasse a morte.

**Darwin** – Sim, bem assim eu me imagino as coisas, ou assim me imagino minha renúncia ao imaginar. A liberdade humana, finita, move-se no tempo, no interior da liberdade infinita de Deus, de tal modo que nem precisa ir até lá, pois desde sempre aí se encontra. Só precisa viver a conversão em si, que experimenta o apropriar-se do ser apropriado, classicamente expresso como transformação da vida pela morte e ressurreição. Quanto a teoria da evolução ajuda a Teologia para uma nova perspectiva! Agradeço, de coração, prezado Tomás.

**Tomás** – Meu Deus! Tomás de Aquino e Charles Darwin em uníssonos! Isso quer dizer, tenha cuidado, um dia ainda vão chamá-lo de Padre da Igreja, ou ao menos, Doutor da Igreja, como aconteceu comigo! Esse é o resultado de nossa conversa: Darwinismo é Tomismo levado à plenitude...

**Darwin** – ... assim como o Tomismo é um forte impulso para o Darwinismo. *Ad maiorem Dei gloriam!* Obrigado, também de minha parte, Frei Tomás, pela grande conversa.

Paderborn, Alemanha – 2009

DIETER HATTRUP

E-mail: <dieter.hattrup@t-online.de>